

Marcelo Máximo Purificação  
Ivonete Barreto de Amorim  
Sandra Célia Coelho Gomes da Silva  
(Organizadores)



# Filosofia: Aprender e Ensinar 2

  
Atena  
Editora  
Ano 2020

Marcelo Máximo Purificação  
Ivonete Barreto de Amorim  
Sandra Célia Coelho Gomes da Silva  
(Organizadores)



# Filosofia: Aprender e Ensinar 2

**Atena**  
Editora  
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Geraldo Alves

**Edição de Arte:** Lorena Prestes

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
 Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá  
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

F488 Filosofia [recurso eletrônico] : aprender e ensinar 2 / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Ivonete Barreto de Amorim, Sandra Célia Coelho Gomes da Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-81740-06-1

DOI 10.22533/at.ed.061200402

1. Filosofia. 2. Fenomenologia. 3. Indústria cultural. I. Purificação, Marcelo Máximo. II. Amorim, Ivonete Barreto de. III. Silva, Sandra Célia Coelho Gomes da.

CDD 142.7

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

Atena Editora  
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

O livro Filosofia: Aprender e Ensinar 2 é uma obra elaborada em várias mãos, cujo resultado, são textos acadêmicos que permeiam o campo da filosofia e as possíveis contribuições dessa área do saber para a Educação. Aprender e ensinar, são o verso e o reverso de um processo que tem no centro a filosofia e a educação, estabelecendo uma relação dialógica entre si. Uma relação, pela qual deve transitar também, a ação colaborativa e participativa do ato de fazer, tornando assim, uma ação coletiva.

O livro, está organizado em cinco capítulos pelos quais perpassam os temas: As iluminações literárias de Walter Benjamin em o Surrealismo; Complexidade e outros paradigmas – introdução à análise comparativa; Games e gamificação como estratégia de aprendizagem filosófica; O ensino de filosofia e as possíveis formas e funções do livro didático e, Progresso, memória e identidade entre o moderno e o pós-moderno: um diagnóstico do tempo perdido. Isto dito, percebe-se que esta obra, tem forte potencial de socialização do conhecimento e bravas contribuições para área da Ciências Humanas, podendo assim potencializar o pensamento de professores, estudantes e todos que buscam alargar o diálogo com a Filosofia.

Desejamos a todos e todas, uma boa leitura.

Marcelo Máximo Purificação

Ivonete Barreto de Amorim

Sandra Célia Coelho Gomes da Silva

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1 .....</b>	<b>1</b>
AS ILUMINAÇÕES LIBERTÁRIAS DE WALTER BENJAMIN EM O SURREALISMO	
Matheus Silveira dos Santos	
Ana Maria Oimenta Hoffmann	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0612004021</b>	
<b>CAPÍTULO 2 .....</b>	<b>14</b>
A COMPLEXIDADE E OUTROS PARADIGMAS – INTRODUÇÃO À ANÁLISE COMPARATIVA	
Adelcio Machado dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0612004022</b>	
<b>CAPÍTULO 3 .....</b>	<b>23</b>
GAMES E GAMIFICACAO COMO ESTRATÉGIA DE APRENDIZAGEM FILOSÓFICA	
Mateus Geraldo Xavier	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0612004023</b>	
<b>CAPÍTULO 4 .....</b>	<b>47</b>
O ENSINO DE FILOSOFIA E AS POSSÍVEIS FORMAS E FUNÇÕES DO LIVRO DIDÁTICO	
Valmir Pereira	
Franklin Silva Pontes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0612004024</b>	
<b>CAPÍTULO 5 .....</b>	<b>56</b>
PROGRESSO, MEMÓRIA E IDENTIDADE ENTRE O MODERNO E O PÓS-MODERNO: UM DIAGNÓSTICO DO TEMPO PERDIDO	
Cleudson de Jesus Rocha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0612004025</b>	
<b>SOBRE OS ORGANIZADORES.....</b>	<b>69</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO .....</b>	<b>71</b>

## PROGRESSO, MEMÓRIA E IDENTIDADE ENTRE O MODERNO E O PÓS-MODERNO: UM DIAGNÓSTICO DO TEMPO PERDIDO

Data de aceite: 27/01/2020

### Cleudson de Jesus Rocha

Professor Adjunto do Centro de Educação e Letras – CEL (Universidade Federal do Acre); Doutor em Filosofia (2005); Pós-Doutor em Filosofia Contemporânea pela FFLCH/USP (2019). <https://ordic.org/0000-0001-7535-1110>; E-mail: cleudson.ufac@gmail.com

**RESUMO:** O esclarecimento vem sendo apregoado, principalmente desde o renascimento, como a principal ferramenta por meio da qual a humanidade construiria meios de alcançar os principais objetivos humanos, quais sejam, a felicidade e a paz. Contudo, modernamente se verifica que as promessas de redenção e humanização, não foram cumpridas, e até, que, ao contrário disso, os recursos da razão serviram a projetos de reificação do homem e de suas relações. Dessa forma, dá-se a eliminação do sujeito, que passa a se comportar como pária de uma época administrada espiritualmente. Os avanços da técnica, que se proliferam e se propagam socialmente, principalmente a partir do século XX, formatam novas formas de dominação cultural, econômica e política, homogeneizando as formas de pensar e agir e sabotando as alternativas de intervenções sociais, alternando

o campo identitário, que se modifica sob o jugo das desterritorializações promovidas com o auspício das TICs. Discutiremos a necessidade de reforço da Memória, com Walter Benjamin; o lugar da ciência e o sentido de progresso no trânsito entre o moderno e o pós-moderno, com Adorno e Morin; as mudanças identitárias, com Hall e Bauman, e finalizaremos, com um chamado para um olhar comprometido com as mudanças do tecido social, tecido por Boaventura Santos. O artigo pretende ser, assim, um diagnóstico do tempo de transição entre o moderno e o pós-moderno, centrado nos temas do progresso, memória e identidade. **PALAVRAS-CHAVE:** Progresso; Memória; Identidade.

### 1 | PARAR E CONTEMPLAR OS MORTOS: UMA INTRODUÇÃO

A obra *O anjo da História*, de Walter Benjamin, traz a descrição de um quadro de Paul Klee, a partir do qual Benjamin propõe um olhar sobre o passado e sobre a memória da modernidade. Diz o trecho (Benjamin, 2018, p. 14):

Existe um quadro de Klee intitulado 'Angelus Novus'. Representa um anjo que parece preparar-se para se afastar de qualquer coisa que olha fixamente. Tem os olhos

esbugalhados, a boca escancarada e as asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Voltou o rosto para o passado. A cadeia de fatos que aparece diante dos nossos olhos é para ele uma catástrofe sem fim, que incessantemente acumula ruínas sobre ruínas e lhas lança aos pés. Ele gostaria de parar para acordar os mortos e reconstituir, a partir dos seus fragmentos, aquilo que foi destruído. Mas do paraíso sopra um vendaval que se enrodilha nas suas asas, e que é tão forte que o anjo já não as consegue fechar. Esse vendaval arrasta-o imparavelmente para o futuro, a que ele volta as costas, enquanto o monte de ruínas à sua frente cresce até o céu. Aquilo a que chamamos o progresso é este vendava.<sup>1</sup>

Existe uma dor, no anjo. O olhar melancólico, que suplica ficar, precisa prosseguir sua marcha, em direção a um futuro para o qual sopram todos os ventos, com uma força irresistível que arrebatava o anjo, junto com os escombros sobre os quais repousa. Há uma urgência que aumenta a dor. A urgência vem da força da tempestade, que alavanca todas as coisas em direção a um horizonte que o próprio anjo ainda não conhece, pois está de costas. A força do vento, lhe abre as asas e o faz voar. A dor do anjo vai ser perene, então, pois o olhar para o passado, aniquila-lhe as forças. Debilitado, o anjo se condói, sobre um passado que se mobiliza para ir a um futuro, que ainda não é nada, nem como tempo, nem como registro de coisas, acontecimentos e eventos. O futuro é atingido por traços desse passado de destroços.

O homem atual não é anjo. Ele foi forjado nas dores, que muitas vezes atingiram sua própria carne. As dores humanas se agudizam quando são perenes, quando os antídotos se mostram fracos e não operam a cura. As dores aumentam quando as esperanças diminuem. Então, elas migram para a alma, que também se aflige, angustiando-se na longa espera por cura e salvação. De onde virá socorro? Quem poderá ajudar a aniquilar as dores do corpo e da alma? Sabemos que quando as ideias enfraquecem, sofre o corpo todo.

O amontoado de escombros que, nos dizeres de Benjamin, “sobe até o céu”, avolumou-se ao longo do itinerário moderno. A aceleração da ciência e da técnica sinalizou um futuro de bonanças, ou pelo menos, desenhou narrativas de progresso humano; os iluministas atribuíram ao desenvolvimento da razão a panaceia para os problemas do convívio político, do bem-estar social e subjetivo dos indivíduos. Um século antes, Descartes firmou certo princípio de delimitação do que ia se chamar subjetividade, apostando que existe nos indivíduos uma natureza que os faz sentir algo, mas dizer o oposto, numa fragante oposição entre uma superfície privada e outra pública. Para enfrentar esta dicotomia, ou seja, para escapar a possibilidade do engano, do erro e da dor, Descartes apresentou apanágio: reencontrou na razão um novo ponto de segurança capaz de reunir evidência material e certeza psicológica. Nos dizeres de Dunker (2019) Descartes “separou a relatividade cultural, histórica

---

1 Walter Benjamin. *O anjo da história*. Organização e tradução de João Barrento. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Ed., 2018, p. 14.

e epocal da subjetividade de seu ponto arquimediano, fixo e estável, ainda que efêmero: o sujeito.”<sup>2</sup>

A noção de sujeito, na qual a modernidade se apegou como instância de autonomia e liberdade é, segundo Adorno<sup>3</sup> equívoca, porque evoca duas substâncias distintas: o indivíduo particular, como egoicidade, como um certo *este aí qualquer* e determinações gerais e como uma certa *consciência geral*, como uma forma conceitual universal. A dificuldade do enquadramento do sujeito enquanto categoria filosófica advém do fato de que um conceito pressupõe um movimento de definição, que, em termos cognoscíveis, significa capturar. A captura, por sua vez, só se sucede mediante as estratégias de um outro, que organiza a busca. Acontece que “o outro” não para de projetar ventos, tempestades e elas, ajuntam, fazem monturos, encaminham os escombros para um mesmo lugar, formando bolsões de entulhos “que sobem até o céu”.

A humanidade já conheceu os destroços de sua passagem pela terra. Guardados os nexos necessários de que os homens acertam e erram sobre tudo, o século XX ficará marcado pelo horror indizível dos genocídios. Os campos de concentração nazistas são exemplo do mais extremado delírio, que confundiu o bem e o mal, em formas políticas assassinas incapazes de dimensionar dor e alívio, vida e morte, verdade e mentira, sob a égide de um delirante princípio de estetização do mundo dos homens. No apurar de tudo, o pensamento contemporâneo põe em cena uma nova formulação explicativa: o prefixo pós. As mazelas dos *shoah* ficaram para trás? O pós-guerra instituiu formas severas de olhar para o passado? Como garantir que o anjo da história se fixe em equilíbrio e força, contemplando os escombros, identificando sua substância e incinerando os entulhos? Ainda haverá formas de aniquilar as partículas contaminadas da fumaça dos escombros?

## 2 | IGNORAR ESPELHOS: OS ARREMESSOS DO PASSADO SÃO SEMPRE PARA O FUTURO

A metáfora de Marx, de que “tudo que é sólido se desmancha no ar”, é substituída, em seu campo aéreo, por outro subaquático, como as noções de Bauman<sup>4</sup>, de que vivemos em uma “sociedade líquida”. A nova sensibilidade que parece se sustentar nas teses explicativas do mundo e da sociedade, é importante, mas não se pode negar os aspectos históricos e contextuais do que nos trouxe até aqui. Primo Levi<sup>5</sup> discute que as palavras não são capazes de descrever os acontecimentos

2 Dunker, C.; Tezza, C.; Tiburi, M. e Safatle, V. “Subjetividade em tempos de pós-verdade”, In: *Ética e pós-verdade*. Porto Alegre/São Paulo. Ed. Dublinense, 2019, p. 10.

3 Adorno, Theodor. “Sobre sujeito e objeto”, In: *Palavras e sinais: modelos críticos 2*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

4 Bauman, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

5 Levi, Primo. *Os afogados e os sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades*. Rio de

de Auschwitz. Mas o anjo da história quer fuçar os basculhos. Falta um grito de comunicação, como denúncia e reflexão sobre causas. Estas razões, levaram Adorno e Horkheimer (1985) a tentar “descobrir por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie.”<sup>6</sup> Trata-se da obra *Dialética do Esclarecimento*, concebida no exílio desses dois autores, em Nova York. Conforme afirma Burke<sup>7</sup> (2019) com os corpos exilados, migram as histórias e os intelectos, deslocando saberes e experiências.

A *Dialética do Esclarecimento* forjou-se a partir de uma América modernosa, tecnicamente avançada e culturalmente imperialista, onde as técnicas de produção cultural aviltam qualquer senso de individualidade, impondo uma extensa e ampla pasteurização do gosto, modos e costumes, que se consolidam como valor, a partir da ruína progressiva da cultura teórica. A ciência, cuja premissa fundamental era a ambição da verdade por meio do combate à infâmia das charlatanices, perdeu-se em ideologias, passando a comportar-se como mero instrumento a serviço da ordem existente. Fortalecida pelos mecanismos sociais de dominação, a cultura de massas supre a falência do pensamento, instaurando dispositivos de filtro da linguagem e das comunicações, tais como: censores, que filtram ideias e se precavam de custos; editores, que selecionam o que vale à pena ser lido e sistemas educacionais, que ambicionam tornar supérfluas suas funções. O espírito conhecedor limita-se, assim, a constatação de fatos e ao cálculo de probabilidades. O cerceamento da imaginação teórica preparou o caminho para o desvario político, com as conhecidas consequências de seus desdobramentos desde, pelo menos, a segunda guerra mundial.

A dialética que Adorno e Horkheimer enxergam no esclarecimento diz respeito a sua falência enquanto promessa de emancipação do sujeito. A causa de sua recaída em mitologia, não deve, contudo, ser buscada nas mitologias, mas no próprio esclarecimento paralisado pelo temor da verdade ou pela força estacionária dos mecanismos da indústria cultural, que o adapta de forma sutil, mas eficiente, às novas perspectiva do pretense progresso social. O estágio técnico-científico do capitalismo tardio, manifesta como seu efeito: a anulação do indivíduo face ao poder econômico; dilata o poder sobre a dominação da natureza; aumenta a impotência e a dirigibilidade da massa com a quantidade de bens a ela destinados; eleva o padrão de vida das classe inferiores, materialmente considerável e socialmente lastimável; submete os indivíduos a uma enxurrada de informações e diversões, que desperta e idiotiza as pessoas ao mesmo tempo.

---

Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2016.

6 Adorno e Horkheimer. *Dialética do Esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 1985, p. 11.

7 Burke, Peter. *Perdas e ganhos*: exilados e expatriados na história do conhecimento na Europa e nas Américas, 1500-2000. São Paulo: ed. UNESP, 2017.

Estes breves desdobramentos do progresso já dão pistas para a negação da perspectiva kantiana de que “o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de invertê-los na posição de senhores.”<sup>8</sup> Em seu otimismo triunfal, Kant vislumbrava o esclarecimento como instrumento de desencantamento do mundo, com força para dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber. Acontece, que segundo Adorno e Horkheimer, no trajeto da construção da ciência moderna, os homens substituíram o conceito pela fórmula, a causa pela regra e pela probabilidade, instituindo o número como cânon do esclarecimento. Assim dizem os autores: “para o esclarecimento, aquilo que não se reduz a número e, por fim, ao uno, passa a ser ilusão.”<sup>9</sup> Ao reduzir a verdade a expressão numérica, o esclarecimento aproxima-se dos mitos, que originalmente, assim, como a fórmula matemática, “queria relatar, dominar, dizer a origem, mas também expor, fixar, explicar”<sup>10</sup>, ou seja, deixar de ser um relato para se tornar uma doutrina.

A extensão do diagnóstico de tempo de Adorno e Horkheimer, ganha os contornos da experiência do intelectual desterrado, em seu exílio. O desconforto de Adorno, que nunca se sentiu em casa na América, comparece em sua *Minima Moralia*, nos 153 aforismos que compõem a obra e demonstram a recusa do frankfurtiano à integração, bem como seu comportamento crítico, de não conformismo, que conserva a independência, recusando-se às regras do mundo acadêmico, assim como a prevalência das leis do mercado. Esse isolamento voluntário o iguala ao naufrago, que no caos de seu drama pessoal, envia sua mensagem em garrafas atiradas ao mar. Talvez seja por isso mesmo que as primeiras palavras de Adorno justificando sua nova mensagem, repita a mensagem anterior. A *Minima Moralia* afirma que “quem quiser saber a verdade acerca da vida imediata tem que investigar sua configuração alienada, investigar os poderes objetivos que determinam a existência individual até o mais recôndito nela.”<sup>11</sup> Esta afirmação serve para colocar sob suspeita a atividade e o próprio sentido das ciências estabelecidas, acusando-as como um dos sintomas da autodestruição do esclarecimento. Em uma denúncia da situação da epistemologia – papel e método – Adorno busca outras formas de investigação, redirecionando o afã científico para aquilo que a divisão do trabalho intelectual despreza: a **experiência individual**. As reflexões da *Minima Moralia* tangenciam o campo da psicanálise, da filosofia, da estética, todos vinculados ao âmbito da subjetividade, num retrato mais do que evidente das nuances da vida mutilada.

O desespero histórico do adoecimento do contato parece apontar a um projeto filosófico que se constrói sobre a crítica ao idealismo alemão, sobretudo ao “idealismo

8 Adorno, Theodor e Horkheimer, Max. *Dialética do Esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 1985, p. 23.

9 Adorno, Theodor. *Minima Moralia*. São Paulo. Ed. Ática, 1993, p.7.

10 Ibid., p. 23.

11 Ibid., p. 11.

absoluto” de Hegel. Isso que Adorno decide chamar de “dialética negativa” pretende ir além de uma dialética que, apesar de largamente desenvolvida na filosofia de Hegel, acabou, segundo Adorno, mitigada. É em razão disso que Adorno preocupa-se em posicionar-se historicamente, colocar-se contra a tradição filosófica da dialética afirmativa. Ele mesmo diz, no prefácio, como que resumindo a história do desenvolvimento da dialética, que “a expressão ‘dialética negativa’ subverte a tradição.

Já em Platão, ‘dialética’ procura fazer com que algo de positivo se estabeleça por meio do pensamento da negação; mais tarde, a figura de uma negação da negação [aqui a referência é muito possivelmente a Hegel] denominou exatamente isso.<sup>12</sup> Ora, é tendo em vista esse suposto amordaçamento da dialética na positividade ou na superação da negação que Adorno redige o livro: “o presente livro gostaria de libertar a dialética de tal natureza afirmativa, sem perder nada em determinação.”<sup>13</sup>

O título é, nesse sentido, paradoxal. O estabelecimento de algo positivo por meio da negação (como queriam Platão e Hegel) era, segundo suas filosofias, o único meio possível de determinação do mundo. Uma dialética negativa, do ponto de vista de suas filosofias, redundaria na vacuidade do pensamento. Assim, Adorno pretende mostrar que é justamente na subversão da natureza afirmativa da dialética que se pode chegar a uma determinação que não seja mera abstração (como em Hegel e Platão), mas que alcance “definitivamente o filosofar concreto.”<sup>14</sup> Com efeito, se a filosofia desde sempre se fundamentou numa dialética afirmativa, a dialética negativa necessariamente desenvolve uma crítica ao conceito de fundamento e ao primado do pensamento do conteúdo, este a que se pretendia chegar quando se estabelecia algo de positivo por meio da dialética.

Ainda que Adorno tenha destacado que não existe nenhuma continuidade entre seus trabalhos anteriores e a *Dialética Negativa*, me parece oportuno lembrar que, já na *Dialética do Esclarecimento*, o filósofo destacara como a dialética, aos moldes hegelianos fora absorvida no interior da sociedade burguesa, na medida em que a Ideia, isto é, a forma pela qual o espírito se efetiva, encarnou-se nas pessoas e instituições dessa sociedade.

Para fazer ainda uma vez possível a filosofia, a saída consiste em pensar com conceitos abertos, que não dividam em partes a realidade nem deixem fora o que deveriam incluir. O pensamento deve desprezar a certeza e permanecer em uma constante busca de sentido. O pensamento não deve solidificar-se e todos seus conceitos têm de ser permeáveis. A *Dialética Negativa* postula um esforço do pensamento em ir além do conceito através do próprio conceito. Então, o pensar já é por natureza uma resistência ao imposto. Como todo sistema se torna estático e finito

12 Adorno, Theodor. *Dialética do Negativa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009, p. 7.

13 Ibid., p. 7.

14 Ibid., p. 8.

por ser fechado e excludente, impondo ao específico a dominação da identidade do genérico, o pensamento sistemático se denuncia como impróprio para um mundo que nega à hegemonia do pensamento. Neste sentido, para Adorno o pensamento não-sistemático guarda em si um momento utópico, mas válido, já que propõe um mundo não-dominado. Daí o mergulho imanente no individual, a busca de relacionamento sem sistema, a crítica da redução matemática e fenomenológica do não-idêntico ao idêntico, a exposição do pensamento sobre a forma de ensaios, a proposição de modelos teóricos e a valorização do estético. A estrutura subjacente à *Dialética Negativa* é intermediada por uma gama de conexões e marcada por uma linguagem peculiar, descrente no poder objetivo da razão, referindo-se a vários momentos da produção filosófica e abordando autores que tematizaram questões similares sob pontos de vista divergentes.

### 3 | DIAGNÓSTICO DE TEMPO COMO OBJETO FILOSÓFICO

A análise social pressupõe a ocupação do espírito positivo não desviando o olhar do negativo, mas encarando-o de frente e nele permanecendo. Dessa forma, Adorno joga uma pedra do rio dos pensamentos idealistas, produzindo ondas que sacolejam as margens da filosofia, especialmente a de Hegel, que despacha tudo o que é individual, entendendo essa esfera como inferior na construção de uma totalidade harmônica e gloriosa. A pedra que Adorno joga no rio dos idealismos coloca sob suspeita a atividade e o próprio sentido das ciências estabelecidas, entendendo-as como um dos sintomas da autodestruição do esclarecimento. Dessa maneira, canaliza o afã científico para aquilo que a divisão do trabalho intelectual despreza: a experiência individual.

Esse campo demonstra o caráter drástico do pensamento, que mesmo quando consciente de sua própria culpa, se vê privado da linguagem da oposição, visto que na medida em que a ciência se fez ideologia, mero instrumento a serviço da ordem existente, ela fixa categorias conceituais válidas, excluindo assim, qualquer outra narrativa que lhe combata a infâmia da usurpação da crítica transformada em afirmação, a partir da adulteração do conteúdo teórico, que volatiza-se.

Impõe-se, dessa forma, as afinidades eletivas sobre temas e definem-se as formas legítimas de trata-las. As reduções produzidas pela ciência demonstram a aporia de sua natureza deturpada: a autodestruição do esclarecimento. Nos dizeres de Adorno “o próprio conceito de esclarecimento [...] contém o germe para a regressão que hoje tem lugar por toda parte.”<sup>15</sup> Seu descaminho tem uma origem ulterior, pois na medida em que as tendências do desenvolvimento da ciência estão presas no

---

15 Adorno, Theodor e Horkheimer, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 13.

processo global de produção, furta-se a liberdade criativa, levando-se também a parte mágica de seu *páthos* gerador, pois a liberdade é inseparável do pensamento esclarecedor. O drama consiste então em perceber que o desenvolvimento científico está abandonado aos seus próprios inimigos, que acionam meios de justificar o elemento destruidor do progresso.

A questão do progresso é tratada por Adorno em uma conferência de 1962, na qual o autor questiona “o que progride” e o que “não progride”; “progresso de que, para que, em relação a que?”<sup>16</sup> O termo, assim, como qualquer termo filosófico, remete a algo em comum: resposta a dúvida e esperança de que finalmente as coisas melhorem, de que, enfim, as pessoas possam tomar alento. Essa perspectiva que pretende enxergar possibilidades em um tempo vindouro e delinear o por vir, escamoteia aquilo que deve ser considerado nas reflexões sobre o progresso: se a humanidade será capaz de evitar a catástrofe, pois, tendo-se em conta o nível alcançado pelas forças produtivas técnicas, ninguém mais deveria padecer de fome sobre a face da terra. A catástrofe a ser evitada diz respeito a escapar à escassez e a opressão, mediante a organização da sociedade total, como humanidade, em vez de mensurar nos indivíduos o nível de suas habilidades e conhecimentos. Não se trata apenas de elevar os indivíduos da ignorância ao esclarecimento, mas fundamentalmente, sobre o que fazer com os conhecimentos produzidos.

A crítica ao progresso não significa uma apologia ao passado, mas sim, em reatualizar as esperanças do passado, como fermento do novo. O texto de Benjamin que mais influenciou Adorno foi *Teses sobre o conceito de história* (1940), lembrado na introdução desta obra, onde um anjo é lançado ao futuro por uma tempestade que o afasta do paraíso; a essa tempestade que produz uma sucessão de ruínas dá-se o nome de “progresso”. Como Benjamin, Adorno recusa-se a confundir o progresso das técnicas e dos conhecimentos com o progresso da humanidade. Já na *Dialética do Esclarecimento* a noção de progresso aparece com as características de uma dominação progressiva, contudo, há uma dialética neste conceito e ela consiste no ponto de vista que critica a ideia de progresso sem removê-la do horizonte conceitual: a teoria crítica não poderia dispensar a noção de progresso, apoiada na esperança de que as coisas vão melhorar e que um dia os homens poderão respirar, pois “não há bem, nem traços de bem sem progresso”, que “consiste na guerra contra o triunfo do mal radical, a resistência ao perigo, constante da regressão, a possibilidade de evitar a catástrofe integral”<sup>17</sup>.

Mas essa ideia do progresso como um itinerário que se estica do caos à ordem, de um inferior para um superior estado de espírito, adotada pela modernidade como uma garantia de que, a despeito dos escombros produzidos pelas invenções

16 Adorno, Theodor. *Educação e Emancipação*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1995, p. 38.

17 *Ibid.*, p. 42.

humanas, sempre será bom acreditar que dias melhores virão, parece encontrar ainda uma dialética mais profunda, que reside no submundo do que a dialética positiva não consegue enxergar. Trata-se de uma substância íntima, melhor representada na lógica da natureza física: o princípio que sustenta a existência das coisas advém do que escapa de energia daquilo que a gerou. A termodinâmica produz energia para trazer algo a existência, e isso mesmo que forma as coisas, não se restringe somente a elas. Escapam energias, sobram forças, que vão, num crescendo, se acumulando, até novas explosões. Ou seja, o princípio da geração das coisas traz em seu germe, a arma de sua transformação, e, por conseguinte, de sua eliminação. As demonstrações que nos espantam na natureza física, são diretrizes para a gente entender o que significa progresso. As energias que geram e explodem coisas, depois, no crescente movimento de se juntar ao que sobra da formação de outras coisas, se torna irrefreável e explodem, formando novas coisas. É de se esperar, sempre, da ideia de progresso que as trágicas energias da formação de algo, também sejam entendidas como as causas da constante renovação, como o sol que brilha depois da tempestade.

A ideia de progresso, como celebração triunfal de um tempo de realizações, não foi capaz de afastar a profunda crise da racionalidade, estendida ao âmbito societal. Segundo Boaventura de Souza Santos<sup>18</sup> (1994), a crise que se alastra como produto do desenvolvimento científico e tecnológico se reflete também nos modos de conhecer e de organizar a sociedade. O sociólogo português se refere à sensação contemporânea, que sugere a experiência de uma passagem de um tempo a outro, de um presente a um futuro, da modernidade a pós-modernidade. A crise nos modos de conhecer, que modificaram as formas de entendimento, transformaram, em consequência, os comportamentos e as formas de relacionamento dos homens entre si, e destes com a natureza. Apoiando suas ideias, o autor traça uma certa biografia do capitalismo, tratado como a mudança de paradigma conceitual sobre as relações de produzir, conhecer e se relacionar dos indivíduos e grupos sociais que se impõe com o fim do antigo regime. Boaventura reflete sobre as mudanças dos paradigmas sociais do feudalismo para o capitalismo, apontando os modos de recepção desse novo modo de produção. O exercício proposto por Santos destina-se aos que fazem e desenvolvem o pensamento sociológico. A eles cabe o desafio de semear uma imaginação sociológica que parta de um ponto originário de todo pensamento crítico, reflexivo e inovador: a capacidade de exercitar a perplexidade produtiva. Para bem entender a passagem da modernidade à pós-modernidade, os desafios são os seguintes:

- 1) Considerar que as agendas políticas de diferentes países têm como

---

18 Santos, Boaventura Souza. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 1997.

questões mais absorventes problemas de natureza econômica, como inflação, desemprego, crise financeira, política econômica, etc, e não os problemas políticos, culturais e simbólicos sobre os quais a sociologia se debruça nas últimas décadas.

2) A intensificação, dos últimos anos das práticas transnacionais, da internacionalização da economia à translocalização maciça de pessoas, das redes planetárias de informação e de comunicação, produz a ideia da marginalização do Estado Nacional. Contudo, no cotidiano, as pessoas raramente são confrontadas com o sistema mundial e, sim, com o Estado, pois é este que ocupa as páginas dos jornais e noticiários e regula ou desregula a vida social. Dessa forma, o Estado deve ser uma unidade de análise sociológica.

3) Nos últimos anos o indivíduo resgatou seu lugar no protagonismo social. Isso se nota no interesse pela análise da vida privada, do consumismo ao narcisismo, dos modos e estilos de vida às biografias, etc. Contudo, o indivíduo não está na posição de isolamento, mas, ao contrário, sua vida íntima nunca foi tão pública. Assim sendo, como devolver ao indivíduo a força da participação e da criatividade sociais?

4) O século XX terminou sem as profundas clivagens entre socialismo e capitalismo. A atenuação dessas polarizações deu lugar a um consenso a respeito de um dos grandes paradigmas sócio-políticos da modernidade: a democracia. Contudo, embora o princípio da democracia como um valor da modernidade seja um pilar fixo, seus conceitos satélites tem sido declarados em crise, como: apatia pela participação política, conformismo, etc. Isso parece, para Santos, resultado da má companhia do princípio da democracia com o liberalismo econômico, que não prosperam juntos. A perplexidade frente a esta parceria deve ser um dos temas do pensamento sociológico;

5) A intensificação da desterritorialização das relações sociais, ultrapassando fronteiras antes vigiadas pelos costumes, implica na formação de novas identidades regionais e locais alicerçadas numa revalorização do direito às raízes. O que Santos chama de *localismo* se constitui como uma estratégia de visibilidade adotada por indivíduos “translocalizados”, que levam consigo a ideia de território, seja ele imaginário ou simbólico. Essa é quinta perplexidade sobre a qual a sociologia deve atuar.

Esses desafios lançados ao pensamento sociológico nascem da perplexidade. A questão sobre esse assombro produtivo que mobilizou o nascimento da filosofia na Grécia antiga e restaurou, mais tarde, a crença na potência individual, quando Descartes, deliberadamente, tomou a dúvida como recurso metódico para construir saídas indubitáveis para o pensamento, é que duvidar, eiva-se, naturalmente, por um sentimento de aflição, angústia, e, em muitos casos, medo. Do lugar do indivíduo

cindido, restaurar e habilitar forças para instaurar a perplexidade produtiva. Isso exige uma coragem civil, mobilizada pela autonomia. Um pensamento que saiba o seu próprio modo de conhecer e possa, por isso, antever as consequências e o alcance de suas descobertas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A paralisia epistemológica que se instaura no sujeito contemporâneo petrificando seus movimentos de busca de novas formas explicativas do real para além do amontoado dos escombros produzidos, seja na esfera cultural, seja na área econômica e social, encontra similaridade com o que se verifica no plano científico, pois este não fez outra coisa no percurso da modernidade, a não ser provar suas vicissitudes, para mais tarde negá-las por processos de verificação e descobertas. O conhecimento, seja ele pessoal ou de um corpus científico, é vivo, e é essa vicissitude que conduz a grande aventura das descobertas do universo, da vida e do homem. A imensa capacidade que sentimos hoje de medir, pesar, analisar, decifrar e avaliar os fenômenos se associa e determina progressos técnicos inéditos, a partir da imensa capacidade elucidativa da ciência. Contudo, a mesma ciência que elucida, enriquece e conquista triunfalmente, apresenta-nos duas faces contraditórias: ela liberta, mas ao mesmo tempo traz possibilidades amplas de subjugação; sendo um conhecimento vivo produz ao mesmo tempo ameaça de aniquilamento da humanidade. Esses dois lados da ciência conduzem a compreensão, comum hoje em dia, de que a ciência dispõe de um lado bom, que só traz benefícios e um lado mau, que só produz prejuízos. Esse jogo entre o bem e o mal da ciência precisa ser entendido como uma forma de movimentar o pensamento, que, no jogo de validação e/ou negação da ciência, se renova, se atualiza e se modifica, em atenção, principalmente, aos interesses coletivos.

Na visão de Edgard Morin<sup>19</sup> a ciência é validada como instância de interpretação dos fenômenos naturais e sociais a partir de seu constante estado de pôr-se a prova, precisando ser, periodicamente, referendada pela comunidade científica, que aceita ou refuta seu conjunto teórico. Essas mudanças da aceitação das narrativas que comportam em si pretensão de verdade são realizadas, também, no âmbito psicológico, individual, modificando as identidades, na busca legítima por uma identificação íntima dos indivíduos consigo mesmos. Essas mudanças das identidades íntimas, são também consequência das transformações das identidades culturais, forjadas no incessante e forte jogo de comunicações, influências, cooperações e recepções de dados culturais disseminados pelas TICs, dos deslocamentos e da desterritorialização dos indivíduos ao redor do mundo. Segundo Bauman,<sup>20</sup>

19 Morim, Edgard. *Ciência com consciência*. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

20 Bauman, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

vivenciamos transformações tão profundas que explodem a sua rigidez estrutural e conceitual, modificando as identidades em instâncias líquidas, que escorrem por entre os dedos. Uma das consequências de um mundo de estruturas líquidas é a transformação da individualidade e do horizonte de organização dos processos de determinação social. A primeira vítima desse processo é, segundo Hall, a identidade, que perde o seu lugar de ordenadora do mundo psíquico e social.

Vivendo hoje em um mundo onde tudo é provisório e onde impera uma incrível sensação de sobrevivência, já que vive-se possivelmente nas fronteiras de experiências que deslizam pelo prefixo pós, em direção ao imponderável tempo de interrogações sempre permanente sobre o futuro. Prevalece uma sensação de desorientação quanto ao tempo e aos espaços em que se vive e até mesmo quanto às singularidades de classe e gênero. Essas duas matrizes que antes definiam o sujeito e o seu lugar social no mundo cultural, a partir de que o sujeito se posicionava em termos de raça, gênero, localidade geopolítica, local institucional, geração, etc., uma vez relegadas ao local da dúvida, desvanecem a busca de qualquer pretensão a identidade.

Diante desse quadro cinza, Bhabha<sup>21</sup> desafia os estudos culturais a “passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e (...) focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais”. Esse apelo significa um processo de frenagem na lógica eurocêntrica adotada pelo ocidente imperialista, que reivindica o olimpo do conhecimento científico, em detrimento dos conhecimentos produzidos no terceiro mundo, aquele dos “condenados da terra”. Questionar a “teoria”, como linguagem de elite, é um desafio que vai além da simples negação da hegemonia da classe dominante. Requer uma nova postura epistemológica e política que se desloque da manjada polêmica entre os antagonismos sociais e contradições históricas entre o norte e sul, entre o opressor e o oprimido, entre o centro e a periferia, entre o Eu e o Outro. O jeito de ser Outro refaz-se na ação política condutora de energias que expandem diferenças não a partir de fora para dentro, do sul para o norte, da aldeia à metrópole, etc., mas no próprio ambiente em que as identidades de entrecruzam.

Não chegam a ser novidade as análises a-históricas realizadas pelo crítico eurocêntrico que, falando com pretensão de verdade, desencadeou as ideologias imperialistas que exclui o Outro do Terceiro Mundo enquanto sujeitos históricos portadores da diferença. Além disso as análises eurocênicas busca também desmoralizar os discursos, análises e conceitos dos locais, através de uma metateorização que mergulha nas suas produções, inventariando as narrativas e resignificando-as ou silenciando as vozes legítimas que se pronunciam no terceiro mundo. Sem dúvidas, para a filosofia moral e política do século XX, o cálculo da alteridade sempre foi um problema, pois não consegui reconhecer no outro um semelhante. Daí a forte ênfase dada à virtude civil da tolerância na segunda metade

21 Bhabha, 2013, p. 20.

deste século, virtude esta que permite a convivência política e afina as relações individuais. Os eventos de 1968 e seus corolários inauguraram novos tempos, que podemos rotular sob o mote de “deixa o próximo em paz”. Tolerar é isto, e não outra coisa. É uma forma benéfica de desinteressar-se pelo outro e de estabelecer modos de convivência que permitam a cada grupo “cuidar de seus próprios interesses”, evitando a violência.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. e HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

\_\_\_\_\_. *Dialética Negativa*. Trad. José Maria Rispalda. Revisor Jesús Aguirre. Madrid: Taurus, 1975.

\_\_\_\_\_. *W. Educação e Emancipação*. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

\_\_\_\_\_. *Minima Moralia: reflexões a partir da vida danificada*. 2ª ed., S. Paulo, Ática, 1993.

ADORNO, T. W. *Palavras e Sinais: Modelos Críticos 2*. Trad. Maria Helena Ruschel. Petrópolis: Vozes, 1995.

BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. S. Paulo. Ed. 34, 2009

\_\_\_\_\_. *História e Narração em Walter Benjamin*. S. Paulo. Ed. Perspectiva, 2013.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

LEVI, Primo. *É isto um homem?* Trad. Luigi Del Rey. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

\_\_\_\_\_. *Os afogados e os sobreviventes*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. S. Paulo. Paz e Terra, 2004.

MORIN, E. *Ciência com consciência*. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

RANGEL, Marcelo de Melo. *Da ternura com o passado: história e pensamento histórico na filosofia contemporânea*. Rio de Janeiro. Ed. Via Verita, 2019.

ROUANET, Sérgio Paulo. *As razões do iluminismo*. S. Paulo. Companhia das Letras, 1986.

SAFATLE, Vladimir. *Dar corpo ao impossível: o sentido da dialética a partir de Theodor Adorno*. Belo Horizonte. Ed. Autêntica, 2019.

SANTOS, S. B. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 1997

VALCÁRSEL, Amélia. *Ética como valor fundamental*. Palestra. Seminário Internacional “Ética e Cultura”. São Paulo. Outubro/2001. Circulação interna.

## **SOBRE OS ORGANIZADORES**

**Marcelo Máximo Purificação** - Pós-doutor em Educação pela Universidade de Coimbra, Portugal. Doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás -2014). Doutorando em Ensino pela Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES 2017). Mestrado Profissional em Teologia: Educação Comunitária Infância e Juventude pela Escola Superior de Teologia - EST/UFRGS e Mestre em Ciências Educacionais pela UEP. A nível de graduação, possui formação multidisciplinar (licenciatura e bacharelado) cursados no período (1993-2011), sendo: Licenciatura Plena em Matemática (UEG), Licenciatura em Pedagogia (ICSH/UFG), Licenciatura em Filosofia (FBB/UNIT) e Bacharelado em Teologia (FATEBOV). Professor Titular C-I (Estatutário) da Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior FIMES/UNIFIMES, lotado na Unidade Básica das Humanidades. Professor P-IV da Secretaria Estadual de Educação de Goiás SEDUCE/GO. Professor Permanente no Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Linha de Pesquisa: Novas de Subjetivação e Organização Comunitária. [Sem vínculo empregatício]. Professor Permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu - Mestrado em Educação) da Faculdade de Inhumas – FACMAIS - Linha de Pesquisa: Educação, Instituições e Políticas Educacionais. Professor Coordenador nos Programas de Pós-Graduação em Ensino (PPGEns) e Ciências Exatas (PPGECE) da Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES. Coordenador do Grupo de Pesquisa (NEPEM/UNIFIMES); Editor adjunto da Revista Educação, Psicologia e Interfaces da UFMS. Atualmente pesquisa e escreve sobre os seguintes temas: ensino; formação de professores; currículo; processos educativos; violência escolar; e filosofia e seus eixos temáticos. E-mail: maximo@unifimes.edu.br

**Ivonete Barreto de Amorim** - Pós Doutora em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia - PPGEduC - Linha de Pesquisa I - Processos Civilizatórios: Educação, Memória e Pluralidade Cultural. Doutora em Família na Sociedade Contemporânea pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Católica do Salvador. Mestra em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia - PPGEduC. Especialista em Educação Infantil e especialista em avaliação pela Universidade do Estado da Bahia. Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Bahia. Professora Adjunta da Universidade do Estado da Bahia (UNEB/CAMPUS XI). Professora Permanente, orientadora e vice coordenadora do Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES/UNEB/Campus XI). Líder do Grupo de Pesquisa: Educação, Políticas Públicas e Desenvolvimento Social (EPODS/UNEB). Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Formação de Professores (NUFOP/UEFS). Coordenadora Pedagógica do Centro

Educacional Carneiro Ribeiro - Escola Parque. Registrada na base internacional: <https://orcid.org/0000-0001-9943-2118>. E-mail: [ivonteducadora623@gmail.com](mailto:ivonteducadora623@gmail.com)

**Sandra Célia Coelho Gomes da Silva** - Pós doutora em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Doutora em Ciências da Religião( PUC-GO), Mestre em Ciências da Religião ( PUC-GO). Pós-Graduada em Sociologia (UFMG) e História Econômica: Bacharel e Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Vale do Rio Doce( (UNIVALE). Membro da Associação de Cientistas Sociais da Religião do Mercosul (ACSRM), Conselheira da Sociedade de Teólogos e Cientista da Religião -. SOTER (Regional Centro-Oeste). Atualmente é Coordenadora do Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES - UNEB -DEDC - Campus XI - Serrinha), Professora Adjunta da Universidade do Estado da Bahia DEDC - Campus XII - Guanambi - (UNEB. Tem experiência na área de Ciências Humanas e Sociais, com ênfase em Sociologia, Antropologia, Ciências Sociais Aplicada à Saúde, Metodologia da Pesquisa, Religião e Internacionalização. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Religião, Cultura e Saúde (GEPERCS). Pesquisadora do Centro de Estudos e Pesquisas Interdepartamental em Culturas e Religiões. E-mail: [scsilva@uneb.br](mailto:scsilva@uneb.br)

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Anarquismo 1, 3, 6, 7, 8, 9, 11, 13

Aprendizagem 23, 24, 25, 26, 27, 29, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 43, 44, 46, 51

### C

Comparativo 14

Complexidade 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 38

### E

Embriaguez 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10

Ensino de filosofia 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 38, 39, 41, 42, 43, 46, 47, 48, 53, 54, 55

### G

Games 23, 28, 29, 34, 35, 36, 37, 40, 41, 42, 43, 44

Gamificação 23, 26, 27, 28, 29, 34, 36, 39, 40, 42, 43, 44, 46

### H

História da filosofia 26, 40, 42, 46, 47, 53

### I

Identidade 26, 56, 62, 67, 68

Iluminação profana 1, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 12, 13

### L

Livro didático 47, 48, 49, 50, 52, 53, 54, 55

### M

Memória 40, 56, 69

Método 5, 14, 17, 19, 22, 39, 45, 60

### P

Paradigma 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 39, 64

Pnld 47, 48, 49, 50, 52, 53, 55

Progresso 11, 21, 31, 56, 57, 59, 60, 63, 64

### S

Surrealismo 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13

### T

Transposição didática 47, 51, 52, 55

 **Atena**  
Editora

**2 0 2 0**